

Às urnas

LUIZ ESTÊVÃO DE OLIVEIRA NETO

O Brasil vai mostrar sua cara. Hoje, quase 30 anos depois da resaca política que vivemos, 82 milhões de eleitores vão às urnas dizer que Brasil imaginam, que destino sonham. Importa, e muito, a cada um de nós, o resultado dessa barulhenta e democrática campanha presidencial. Mas, independente do vencedor, de esquerda ou de direita, de centro, liberal ou não, o Brasil será redescoberto. Pelo povo. Pelo eleitor. Pelo voto.

Não somos mais espectadores do processo de decisão. Agora somos responsáveis pelo acerto, pelo erro. Reconquistamos a cidadania. Essa é a vitória. Podemos escolher. Tivemos oportunidade e tempo. Em 1990, teremos governo e oposição decididos nas urnas.

Nada será como antes depois deste 15 de novembro. O Brasil não mudará apenas de presidente. O País está mudando hoje. A liberdade de escolha, a campanha nas ruas, as bandeiras de todas as cores, os debates francos e ousados já desenharam a cara do novo Brasil. Que destino queremos para esse País, para esse povo sofrido, para nossos filhos, senão o sentido mais amplo da liberdade de apostar no futuro, exercendo o seu direito mais legítimo, o voto?

Foi emocionante. É emocionante. A campanha política mexe com o sentimento que move o mundo: a paixão. É quase impossível ficar indiferente. Torcemos. Vibramos. Escolhemos. Ganhamos esperança. De vencer por tabela, de mudar por tabela. Isso é participação. Traz responsabilidade. Essa é a mágica da democracia: fortalecer o sentimento coletivo. O momento do voto é o único em que todos os filhos de Deus são iguais no mundo dos homens.

O voto tem direção, ideologia e volume. Não tem identidade. É anônimo. Sem distinção de credo, posição social, econômica, cultural, ideológica. Hoje, eleitores e candidatos estarão atentos ao volume dos votos. Quem somar mais, leva. Pode não ser até o meu candidato, mas terá o respaldo da maioria para promover as mudanças que o Brasil necessita.

Estão aí, pedindo votos, o PCB do deputado Roberto Freire, que propõe socialismo ao povo brasileiro. A UDR de Ronaldo Caiado que, abrigado no PSD, oferece o oposto aos eleitores. Claramente, dizem a que vêm o PT e seu Lula, o metalúrgico-político. O PL do didático Afif Domingos. O PSDB do sóbrio Mário Covas. O PMDB do heróico dr. Ulysses. O PDT do carismático Leonel Brizola. O combativo Fernando Collor, político jovem que promete mudanças nos rumos do Brasil.

Quantos países poderiam apresentar esse elenco numa eleição presidencial? Taí representado o povo brasileiro. Pesquisas apontam possibilidade de vitória de alguns. Espaço gratuito no rádio e na televisão garantiu a todos o direito de expor seus programas e cabalar votos. Isso é democracia explícita. Será uma nova Proclamação da República?

São 140 milhões de pessoas à espera de novo comando. É uma gigantesca vibração de esperança. Três meses de campanha fizeram o País mais alegre, o povo mais vibrante, palpiteiro, curioso e intrigado. A campanha de 1989 reabilitou o comício e popularizou a careata. Formamos torcidas, lotamos praças e ruas, empunhamos bandeiras, anunciamos futuros votos com adesivos nos carros. As crianças brincaram de adultos e também escolheram seus preferidos. Vota-

ram de mentirinha nas escolas. Os artistas tomaram partido, vestiram as camisas dos candidatos. Os patrulheiros reclamaram, intrigaram, patrulharam. Os candidatos se expuseram, conquistaram, seduziram, decepcionaram. Combateram e foram combatidos.

Sobrevivemos todos. O País ganhou novo ânimo. Sem ufanismo ou pieguice, isso é democracia, que só faz bem. Não tem contra-indicação. Não atrapalha, não prejudica. Não confunde, não deprime. Faz falta. O jejum do voto é que deforma, adocece.

Eu, cidadão de 40 anos, que vota pela primeira vez para presidente, gosto do que vivo — democrática campanha eleitoral. Sei em quem não voto, mas não me incomoda a presença desses candidatos. Afinal, representam segmentos da sociedade brasileira. Devem ter espaço — como tiveram — para apresentar suas propostas. Se um deles vencer e eu não concordar com os rumos de seu governo, serei oposição. Vou apontar erros, brigar por mudanças. Mas democraticamente. Sempre nas urnas, por favor.

Democracia, com muita eleição, é o melhor caminho. O mais saudável, alegre, emocionante. Hoje, sua majestade, o eleitor, tem o poder do **Sim** e do **Não**. Essa é nossa melhor jogada. Desta vez, o gol será de responsabilidade da torcida.

Da mesma torcida que conseguiu virar o jogo, na prorrogação e no grito: "**Diretas-Já!**". Em quatro anos elegemos vereadores, prefeitos, governadores, constituintes. Mudamos as regras do jogo. Falta acertar o técnico. Essa é a tarefa de hoje. As urnas, brasileiros.

Luiz Estêvão de Oliveira Neto, 40 anos, é presidente do Grupo OK